



# PERCURSOS INVESTIGATIVOS

EM PESQUISAS COM (SOBRE/PARA)  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RODRIGO SABALLA DE CARVALHO  
(ORGANIZADOR)

  
cirkula

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2022.

1º edição - 2022

Revisão, Normatização e Edição: Mauro Meirelles

Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles

Capa: Luciana Hoppe

Tiragem: 1000 exemplares pra distribuição on-line

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO-CIP**

P429 Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil [recurso eletrônico] / Rodrigo Saballa de Carvalho, organizador; apresentação: Fabiana de Amorim Marcello. – 1.ed. – Porto Alegre: CirKula, 2022.

346 p.: il.

ISBN: 978-65-89312-67-3

E-book

1. Pesquisa em educação. 2. Educação infantil. 3. Etnografia. 4. Observação participante. 5. Pesquisador. 6. Pesquisa – Crianças. 7. Creche. 8. Triangulação – Pesquisa – Crianças. I. Carvalho, Rodrigo Saballa de. II. Marcello, Fabiana de Amorim.

CDU: 37.012

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 / “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Todos os direitos reservados à Editora CirKula LTDA. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Editora CirKula

Av. Osvaldo Aranha, 522 - Bomfim

Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190

e-mail: editora@circula.com.br

Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

**ESTE LIVRO FOI SUBMETIDO À REVISÃO POR PARES, CONFORME EXIGEM AS REGRAS DO QUALIS LIVROS DA CAPES.**

**APRESENTAÇÃO**  
**OU SOBRE UM ÉTOS INVESTIGATIVO NA PESQUISA**  
**COM (SOBRE/PARA) CRIANÇAS**

[...] um livro não deve revelar as coisas,  
um livro deve, simplesmente,  
ajudar-nos a descobri-las.  
Jorge Luis Borges

Apresentar uma obra é uma tarefa permeada de desafios. Um deles talvez seja pelo fato de que, labiríntica, uma apresentação consiste no exercício curioso de tratar do próprio livro do qual, de um modo ou de outro, ela faz igualmente parte.

Mestre na arte de tornar o livro um “personagem” de seus textos (especialmente de seus contos) e, mais do que isso, de construir, vertiginosamente, narrativas dentro de narrativas, José Luis Borges nos convida, pelas linhas da literatura, a atentar para esse movimento dando ênfase, nele, ao dinamismo inventivo de que a linguagem é capaz. Para Borges, em contos já célebres como *A Biblioteca de Babel* (BORGES, 2007a), os livros emergem como figuras que, menos do que trazer certezas e conhecimentos seguros, se apresentam como matéria da perturbação e, acima de tudo, como efeitos de uma criação invariavelmente singular, única e irrepetível; em *O Livro de Areia* (BORGES, 2009), encontramos o misterioso livro que tem suas páginas em número infinito; nele, as páginas numeradas de modo arbitrário se alternam: a cada leitura, organizam-se diferentemente, fazendo com que, em sua capacidade de transformação contínua, o livro seja sempre, a um só tempo, o mesmo e outro de si mesmo; n’*O Jardim de Veredas que se Bifurcam* (BORGES, 2007b), encontramos a criação de um universo em que, engenhosamente, articula duas dimensões narrativas: uma narrativa policial a comentários sobre um livro em vias de ser escrito – livro que, ironicamente, leva o título do próprio conto que o enuncia. Labiríntico, o conto materializa aquilo que a linguagem literária apenas sugere como

mera possibilidade narrativa: os personagens são forçados a viver a simultaneidade de todos os possíveis, de presentes e futuros, do que foi e do infinito de possibilidades daquilo que pode ser.

Ao trazer Borges e sua biblioteca ilimitada para esta apresentação permito-me, a partir dela, construir algumas imagens que, de algum modo, entendo encontrar em *Percurso investigativo em pesquisas com (sobre/para) crianças na Educação Infantil*, organizado por Rodrigo Sallaballa de Carvalho, especialmente na medida em que, com suas autoras e autores, a obra, em seu conjunto, nos convida a um movimento de pensamento, de criação investigativa, desorganizando familiaridades e, com isso, convocando-nos ao novo e ao impensado. Sem romantizar a imaginação infantil, as culturas infantis, a alteridade da infância, *Percurso investigativo*, nos leva, pelos labirintos narrativos e pelos universos de invenção que apresenta, a pensar (talvez outramente) sobre aquilo que muitas vezes já fazemos, a perguntar sobre aquilo que parece escapar de nossas mãos, a criar caminhos onde lá talvez não estivessem tão claros ou mesmo assumidos sequer como possibilidades (nem para nós, seus leitores e leitoras, nem mesmo, por vezes, por aqueles e aquelas que aqui escrevem). Sem, portanto, sugerir analogias entre literatura e práticas de pesquisa, permito-me trazer imagens que fazem ver textos em movimentos aproximáveis: aquele de narrar a memória e, com ela, inventar futuros – neste caso, futuros de pesquisa com (sobre/para) crianças; aquele de operar sobre a linguagem (em tantas dimensões: institucional, acadêmica, adulta, infantil, imagética, escrita) e fazer dela não uma chave interpretativa, conformando e confirmando identidades, mas matéria de estranhamento e criação, capaz, portanto, de mobilizar novas formas de escrever, de ler, de pensar, de ver, enfim, de saber-se no mundo.

Nessa direção, poderia dizer que o texto que inaugura a coletânea, não por acaso, dá o tom para a obra tanto em relação a seu tema central, como, igualmente, naquilo que a obra, ela mesma, se apresenta na qualidade de resultado dos trabalhos desenvolvidos por um Grupo de Pesquisa profundamente investido no debate acadêmico sobre a pesquisa com (sobre/para) crianças não apenas em seus limites institucionais, mas alargando-os expressivamente, para os mais diversos grupos e linhas de pesquisa do país. Em outras palavras, o livro se faz materialidade, se faz

ato, em relação à capacidade articuladora do CLIQUE – Grupo de Pesquisa em Linguagens, Currículo e Cotidiano de Bebês e Crianças Pequenas, liderado por Rodrigo Saballa de Carvalho: pensar-se, mas não sem antes convidando a tantos outros e tantas outras e pensar com, a pensar junto – em uma palavra: a *compor*.

No trabalho de pensar(-se) sobre suas próprias investigações, de rever percursos, Rodrigo Saballa de Carvalho, Nathalia Scheuermann dos Santos e Sandro Machado, nesse texto de inicial, apresentam uma “pauta ético-metodológica”, em sua capacidade de abarcar aspectos investigativos precisos a serem considerados em pesquisas que envolvem crianças. Ao fazer isso, debatem dimensões decisivas que sustentam essa pauta em seus desafios, deslocamentos e, acima de tudo, amplitude. Emerge desse percurso o modo como conceitos (tais como o de criança, o de pesquisadora e de pesquisador e mesmo de pesquisa, de ética) merecem ser dinamizados como balizas para toda a construção investigativa. Ou seja, rejeitando aspectos insulares e fragmentários de concepções teóricas e assim elevando-as a ferramentas a partir das quais, do começo ao fim, o processo investigativo (em todas as suas etapas) é articulado, urdido, tramado de modo interdependente e mutuamente constitutivo. Jogo espiralar, portanto, por meio do qual as dimensões mais diversas que compõem o gesto de investigar remetem-se continuamente, reiterando-se: a metodologia diz da participação da criança tanto quanto a escrita diz de uma escuta; pressupostos ontológicos e epistemológicos orientam o campo em sua complexidade e em seus atravessamentos (objetivos e subjetivos) na mesma medida que se efetivam como formas éticas de pensar, analisar e compor os dados da pesquisa. Na construção desses caminhos, percorre-se, com detalhes, as sutilezas das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores e pelas pesquisadoras do Grupo de Pesquisa – em suas singularidades, em suas escolhas e, com isso, acima de tudo, naquilo que se apresenta como um *éthos* investigativo particular, algo que, creio, acaba se desdobrando nos textos que seguem.

Ouso dizer que é disto, pois, que trata *Percursos investigativos*, em seu conjunto: como obra que nos apresenta, a partir do experiências de pesquisa plurais de todos e de cada um, de todas e de cada uma – e ainda que não explícita ou intencionalmente –, elementos que convergem para

a construção de um *éthos* investigativo considerando o universo de pesquisas com (sobre/para) crianças. O fato de a obra compor-se, em grande medida, de parceiros e parceiras de pesquisa (orientadores e orientadoras, orientandas e orientandos, mas não só) talvez nos dê pistas iniciais desse *éthos*, e isso na medida em que ele parece se orientar, se produzir no ato do encontro. Mas diria mais: ao fazer da pesquisa com (sobre/para) crianças não apenas – o que não é pouco – um caminho transversalmente tomado de pressupostos e procedimentos éticos, por questionamentos, por dúvidas genuínas e não silenciadas, por uma busca, dinâmica e inquietada, de pensar a criança e/em sua linguagem e de pensar a própria linguagem a partir da criança, entendo encontrar de modo insistente nos textos aqui reunidos a construção obstinada desse *éthos*.

Assim, a apresentação que me permito construir a partir dos artigos que o livro reúne não se dá em harmonia direta e imediata com a sequência anunciada no sumário, na intenção de produzir um resumo de cada texto, mas sim mais próxima àquilo que consigo reunir no sentido de dar a ver o quanto a construção desse *éthos* se faz inseparável de uma *ética*, da afirmação acerca de uma *centralidade da narrativa* e de *escolhas* no universo da pesquisa com (sobre/para) crianças. Tomo a liberdade, portanto, de *caminhar* pelos textos: naquilo que o caminhar sugere em termos de uma disponibilidade, atenção e lentidão; *caminhar* pelos percursos sugeridos pelas autoras e pelos autores na justa medida da sincronidade de seus movimentos.

### **Sobre o *éthos* investigativo, a dimensão ética**

Se há algo em comum nos contos de Borges acima trazidos (e certamente de outros tantos do mesmo autor, ainda que aqui não mencionados) é o fato de que, no universo fantástico das bibliotecas, dos espelhos, dos labirintos, das espirais é a problemática da autoria (diluída, multiplicada) que se faz permanente. Como mencionado, ainda que de forma sucinta, se a cada vez que aberto o Livro de Areia manifesta uma ordenação específica, é porque Borges indica ali que o ato de ler (e, extensivamente, a leitura) implica uma forma de autoria. Na Biblioteca de Babel criada por Borges, seu caráter infinito (a todo tempo

negado e afirmado no conto) dá a ver não apenas volumes de curiosas e insólitas características, como também sua capacidade efêmera: na Biblioteca febril, “[os] fortuitos volumes correm o incessante risco de transformar-se em outros” (BORGES, 2007a, p. 77), fazendo com que a autoria se imponha, assim, como um desafio não apenas à interpretação, como à designação.

Se tomo o pressuposto da autoria como imagem que irrompe dos contos é porque creio que há uma noção de ética que a ela se articula de maneira resolutiva. A noção de autoria que os contos contemplam permite vislumbrar aspectos que, há muito, percorrem a discussão filosófica sobre o próprio conceito “sujeito”, pelo menos, nos termos de debates situados em perspectivas estruturalistas e pós-estruturalistas. Ou seja, a noção de autoria, menos do que apontar para a racionalidade de um sujeito individual, autônomo, senhor da razão, incide sobre sua dispersão, sobre sua multiplicação. Como tal, ela não é tomada como noção soberana, mas que se manifesta em múltiplas dimensões e que, nessa condição, não pode ser reconhecível literal e imediatamente por meio da fala de um sujeito, da palavra escrita, quiçá daquilo que é silenciado.

Nos termos desse *éthos* investigativo de que falo, considerando o universo de pesquisas com (sobre/para) crianças, podemos pensar que, da mesma forma, a ética não emerge de um sujeito individual, como decisão isolada, soberana e irrefutável de um pesquisador e de uma pesquisadora. Ela é, antes, resultado de um conjunto expressivo de práticas que ganham, nas escolhas, no planejamento, no arranjo mais amplo a que chamamos de pesquisa, volume e espessura; ela emerge, igualmente, como efeito de aspectos contingentes (já que históricos, geográficos e culturais) que nos permitem (ou não, ou não ainda, ou não mais) nos relacionarmos com (sobre/para) as crianças de determinadas formas e não de outras; nos limites da pesquisa entendida como prática que não se reduz a documentos, a ética se materializa como dimensão dinâmica (pronta para se transformar-se, se assim for preciso), transversal e passível, a todo o tempo, de revisão, questionamento e reorganização.

Nesse sentido, o texto de Márcia Buss-Simão talvez aponte para essas questões, particularmente na medida em que, na pesquisa com crianças, assentimento, consentimento e autorização emergem como proce-

dimentos inseparáveis, especialmente quando assumimos a ideia de que, mesmo que garantidos numa dimensão inicial da pesquisa (seja por meio dos documentos específicos que as asseguram [Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE ; Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE], seja, acima de tudo, por meio de todos os processos que têm neles sua culminância), eles merecem e precisam ser reafirmados ao longo do percurso investigativo. Não há noção de ética que se mantenha imutável se não são sensivelmente observados os mais diferentes sinais de que a criança concorda em continuar participando da pesquisa *ao longo da própria pesquisa*: um olhar, um gesto, um sorriso, um abraço, uma recusa podem expressar o desejo de participar ou, pelo menos, seu assentimento; podem expressar, igualmente, formas de resistência e recusa. Atentar-se para esses sinais é possível por meio do que se denomina no texto de um “radar ético”. É, pois, a possibilidade de “ativar e renegociar” permanentemente a participação das crianças e sua presença no campo que favorecem a construção de uma relação efetiva de confiança entre adulto ou adulta e criança. A ética, assim entendida, só pode emergir na medida em que assumimos a autorização, o consentimento e, especialmente, o que a autora chama em seu texto (a partir de outros autores) de “*assentimento no decurso da observação participante*” como processos que vão tomando forma e corpo não apenas antes, mas *nas* dinâmicas que se estabelecem no campo, em sua efetivação.

Ainda que não tenham a ética como um tema central do artigo, permito-me pensar com Claines Kremer, Maria Carmen Silveira Barbosa e Carolina Gobbato, o modo como operam, tão rigorosamente, com aspectos metodológicos, especialmente quando relacionados com a etnografia – assumida no texto em suas dimensões teóricas e metodológicas. Do cuidado das autoras em descrever procedimentos, instrumentos e estratégias para a pesquisa de campo àquele de, partindo de uma pesquisa realizada em uma pré-escola em uma instituição pública situada no Litoral Norte do Rio Grande do Sul/RS, nos apresentar, detalhadamente, escolhas, negociações de entrada e saída do campo – em suas idas e vindas, em suas conquistas e frustrações, em suas surpresas e imprevisibilidades. Se tomo o texto de Claines, Maria Carmen e Carolina situando-o uma sua dimensão ética é porque nele são desenvolvidos argumentos sólidos



que incidem num *compromisso* a ser assumido pelo pesquisador e pela pesquisadora quando da aposta por certa escolha teórico-metodológica: no lugar da afirmação tímida, quase constrangida, de um viés “inspirado”, “orientado” pela etnografia, a afirmação responsável pelo trabalho (árido, por certo) em direção às especificidades que respondem não a mera técnica, mas a expedientes concretos constituídos na densa tríade teoria-metodologia-análise.

### **Sobre o *éthos* investigativo, a centralidade da narrativa**

Livros dentro de livros dentro de livros. Livros circulares. Narrativas dentro de narrativas. Se há algo que emerge a partir do gesto de fazer dos livros “personagens”, é ambição de Borges de criar, a partir de múltiplas imagens, uma ideia infinita de literatura. Trata-se, particularmente, de uma aposta incisiva na linguagem em sua potência criadora, de uma aposta no alargamento dos sentidos que ela pode suscitar; trata-se, talvez mais, da aposta na elasticidade da linguagem comprometida com a criação de mundos. *Suscitar narrativas*, acolher cada uma delas no irrepetível que as configura e reconhecer, no espaço da criação, a potência do infinito. Em Borges, são sempre *mil e uma histórias* (im)possíveis – fazendo alusão aqui ao fascínio do autor em relação *Às mil e uma noites* (providencialmente citada n’*O Jardim de Veredas que se Bifurcam*): “a palavra ‘mil’ é quase sinônima de ‘infinito’”. Dizer mil noites é dizer infinitas noites, as muitas noites, as inúmeras noites. Dizer ‘mil e uma noites’ é acrescentar uma ao infinito” (BORGES, 2011, p. 127).

Como outra dimensão inseparável deste *éthos* investigativo, considerando o universo de pesquisas com (sobre/para) crianças, entendo que a prática do encontro com as crianças merece estar articulada, de maneira potente, com o encontro com as suas narrativas – daí a importância de criarmos ferramentas sensíveis de escuta, mas igualmente aquelas que nos permitam, com as crianças, junto a elas, igualmente, *suscitar narrativas*.

É justamente na direção de mostrar os desafios metodológicos enfrentados e assumidos por um grupo de pesquisadoras e pesquisadores na direção de *suscitar narrativas* que Marynelma Camargo Garanhani e Viviane Maria Alessi apresentam, a título de revisão, uma série de es-

tratégias e recursos metodológicos desenvolvidos em diferentes campos de pesquisa. Sustentando tais estratégias, o pressuposto inegociável de assumir a criança como protagonista e, com efeito, como sujeito que se manifesta e se expressa por múltiplas linguagens. Assim, observação participante, visita monitorada (como prática que convida as crianças a, elas mesmas, apresentarem os espaços institucionais, em seu funcionamento, utilização e memória), bem como entrevistas, rodas de conversa e desenho comentado ganham relevo como procedimentos implicados não somente com a escuta, mas também com a produção individual e coletiva de sentidos, de histórias, de pontos de vista. Como desdobramento outro da ideia de narrativa, as autoras trazem um debate sobre o lugar da imagem (fotografia, filmagem) na pesquisa, atentando para os aspectos produtivos (e outros menos produtivos) de seu uso como recurso voltado ao detalhamento, à atenção e, sim, também aqui, à construção de narrativas, dessa vez, analíticas, investigativas.

Também implicado, em grande parte, como o debate metodológico da pesquisa com crianças, o texto de Patrícia Dias Prado e Tatiana Renzo Fonseca desenvolve-se apresentando o rol de procedimentos metodológicos, de escolhas e práticas investigativas assumido pelas autoras, no contexto de uma pesquisa realizada em um Agrupamento Multietário, com crianças de 3 a 6 anos, no município de Campinas (São Paulo). A riqueza do texto consiste na apresentação cuidadosa do desenho metodológico do estudo de caso etnográfico – ele mesmo expressivo dos pressupostos teórico-epistemológico da pesquisa, em seu reconhecimento da criança como produtora de cultura (em inter-relação direta com a cultura dos adultos), em seu respeito pelas particularidades evidenciadas em uma turma multietária, na afirmação de uma construção metodológica erigida no debate com as crianças, assumindo-as como parceiras e, igualmente, na consideração de as crianças estarem inseridas em um contexto institucional específico e, como tal, as falas dos adultos que com elas partilham do cotidiano serem de extrema relevância. Como recursos, a observação participante, as entrevistas semiestruturadas com professoras/es, gestoras e famílias e, de modo especial, os registros fotográficos e as filmagens das crianças e pelas crianças se mostram férteis em sua disponibilidade de escuta, de registro e produção de imagens e, ainda, de

criação de narrativas das crianças sobre o universo infantil, com o qual, tal como uma das crianças parceiras enuncia, alguns adultos parecem ainda não ter se acostumado.

Carolina Silva Gomes de Sousa e Jader Janer Moreira Lopes dão outra dimensão a essa ideia de uma centralidade da narrativa como constitutiva de um *éthos* investigativo – e isso porque, sustentados teoricamente pelos debates do campo da Geografia da Infância, mostram o modo como buscam criar estratégias diversificadas de pesquisa com crianças, particularmente comprometidas com as formas de percorrer o espaço de vida das crianças. Marcados pelo interesse em criar metodologias que possibilitam documentar as linguagens espacializadas nas muitas infâncias, seus modos de “geografar-se no mundo”, Carolina e Jader afirmam que a escuta das narrativas infantis permite a construção de universos até então inimagináveis; permite a espacialização da própria linguagem, aproximando (mais: tornando contíguo) o que antes se fazia distante – tal como o alegre trem que parte do Rio de Janeiro à Rússia; permitem, ainda, criar funções e outras formas de ver e vivenciar o espaço comum – tal como o exemplo trazido pelo excerto da autora alemã Martha Muchow em relação a uma cerca (gradil), provavelmente das muitas que separam os canais da terra firme distribuídos pela cidade Hamburgo, na Alemanha, de onde, já em 1920, ela investigava a vivência espacial das crianças na cidade: se, para os adultos a cerca (gradil) se manifestava ostensivamente como “inibidor de movimento”, como imagem enunciativa de “pare”, para as crianças ele se manifestava como o oposto: como “objeto de ação”, como “experiência tátil”, de maneira que “toques, escaladas, mãos deslizantes [estavam] sempre presentes”. Em suma, são as crianças que criam outras formas de narrar aquilo que parece ter um sentido dado, quase óbvio: “a cerca, no mundo adulto, para e direciona o movimento; no mundo das crianças, é um convite para seu agir”.

Atentas também a aspectos que ligam as crianças em suas experiências com os espaços, Maristela Della Flora e Kátia Adair Agostinho apresentam uma pesquisa realizada no espaço do parque em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Florianópolis. Destaca-se, na pesquisa, as formas como as relações com a natureza, imersas na perspectiva de um desemparedamento da infância, fazem face às exis-

tências sugeridas pelos modos de produção capitalista que, marcadamente antropocêntricos, encontram na natureza relações eminentemente de dominação e de exploração. No lugar disso, a aposta numa perspectiva biocêntrica, centrada na ética da vida, convida as crianças a experienciar intensamente outras relações com outras formas de vida, criando outros mundos possíveis, no brincar entre areia e folhas, no brincar de ser animais, no brincar ao vento. É esse encontro com outras materialidades, com outros ambientes, que acaba por fornecer às crianças outros recursos imaginativos, outras formas de narrar a si e ao mundo que as cerca.

### **Sobre o *éthos* investigativo, a afirmação das escolhas**

Uma das estratégias de Borges em *O Jardim de Veredas que se Bifurcam* é supor uma narrativa que contemple, em si mesma, todas as narrativas possíveis. Aqui, no entanto, a potência do ato de pesquisar reside na *afirmação das escolhas*, na construção delas como efeito de algo que se efetiva como processo. Um *éthos* investigativo considerando o universo de pesquisas com (sobre/para) crianças erige-se, assim, pelas exclusões que precisa assumir, tanto quanto as opções que, a partir disso, permite-se criar (mesmo que provisoriamente); exige o descarte, a seleção; exige, em suma, enfrentar a ausência em prol de uma organicidade que responda assertivamente às exigências que a pesquisa impõe.

Em busca dessa organicidade nos modos de construir os alicerces da pesquisa que Rayffi Gumercindo Pereira de Souza e Fernanda de Lourdes Almeida Leal apresentam, de forma cuidadosa, a triangulação como princípio organizador dos mais diversos movimentos investigativos: triangulação de dados, de teorias, de métodos, de investigadores(as) e, com especial atenção, à apresentação da relação entre triangulação e pesquisa *com* crianças. Em suas escolhas, Rayffi e Fernanda mostram como, na pesquisa que realizaram sobre práticas pedagógicas, sociais e culturais desenvolvidas com crianças matriculadas na pré-escola de uma instituição educacional pública situada na área rural do Cariri paraibano, a triangulação de dados produzidos pelas crianças junto àqueles produzidos por familiares e por profissionais que trabalhavam na Instituição, conferem múltiplas perspectivas sobre as leituras e entendimentos dos

fenômenos. No texto, os dados são apresentados a partir do contexto do qual emergem: fotografias do pesquisador, anotações do diário de campo, desenhos das crianças, transcrições de rodas de conversa etc. O que vemos, a partir deles, não é comparação ou valoração deste ou daquele dado, ou uma aposta moral sobre qual é mais (ou menos) verdadeiro, mas o modo como, em seu conjunto, e na articulação possível que tecem entre si, eles complexificam as análises e permitem leituras que abarcam as diferentes posições daqueles que participam e constroem cotidianamente aquela realidade.

Também é de escolhas que trata a pesquisa de Hortência Barreto Mendes de Figueiredo e Marlene Oliveira dos Santos – nesse caso, de escolhas sobre temáticas que ainda, para muitos e muitas, parecem não pertencer ao universo das crianças; que ainda, para muitos e para muitas, merece ser evitado, “suavizado”, silenciado. No caso das autoras, trata-se de uma pesquisa com crianças que assume o tema da morte como central. Para tanto, metodologicamente, foram realizados encontros com 4 crianças, de 4 e 5 anos de idade, frequentadoras de um Centro Educacional Municipal, localizado em um bairro de classe média baixa, da cidade de Salvador-Bahia. Nesses encontros, foi proposto às crianças que conversassem sobre a temática da morte a partir de dois dispositivos prioritários: por meio da contação de histórias e pela produção de desenhos. Como fenômeno histórico-cultural, a morte se faz absolutamente presente na vida das crianças: não apenas porque, cotidianamente, ela emerge das mais diferentes formas (na mídia televisiva, nos jornais, nas novelas ou até mesmo na rua onde habitam), como, especialmente em tempos pandêmicos, como presença concreta e/ou imaginária constante. As conversas com as pesquisadoras permitem ver que as crianças organizam hipóteses e sentidos sobre a morte – muitos deles em profundo diálogo com as experiências que vivenciam junto a suas famílias e/ou a conhecimentos que já possuem, tais como aqueles de dimensões religiosas (e que se materializam como ditos sobre aqueles que “vão para o céu”, “que ficam com Jesus”); outros em diálogo com símbolos e ritos das culturas de que fazem parte, em que flores, enterro se manifestam, por exemplo, como imagens emblemáticas das práticas ocidentais (e brasileiras) das cerimônias ou atos fúnebres. Ao mesmo tempo, dimensões

ligadas à perda, ao luto, como sentimentos de vazio, “de um buraco” (a ser ou não ocupado) indicam não apenas a compreensão das crianças sobre o tema, mas a consciência de sua complexidade.

O texto de Gabriela Medeiros Nogueira, Juliane de Oliveira Alves Silveira e Carolina dos Santos Espíndola trata sobre letramento literário na Educação Infantil. Partindo de uma pesquisa realizada com crianças da pré-escola, com idades de 4 a 5 anos, frequentadoras de uma escola municipal localizada no município de Pelotas (Rio Grande do Sul), as autoras investem nos processos que nos permitem compreender como as crianças constroem sentidos sobre as histórias que lhes são contadas, sobre as relações que estabelecem com a leitura, com as imagens em movimentos que sugerem apropriação e criação.

Por fim, ainda abrangendo dimensões de escolhas como constitutivas de um certo *éthos* investigativo, o texto de Rafael Ferreira Kelleter e Vanessa da Silva Rocha de Quadros Spat nos aponta a produtividade dupla de operar, de um lado, com um arcabouço teórico ainda muito pouco explorado no Brasil (Abordagem Pikler) e, de outro lado, e com efeito, com a opção por assumir os bebês e crianças bem pequenas como sujeitos de duas pesquisas, apresentadas, no capítulo, em profunda articulação. Trata-se, pois, de escolhas precisas em relação ao campo em suas demandas e necessidades. Se uma das pesquisas se voltou para a temática do tempo na Creche em uma Escola de Educação Infantil pública localizada no município de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), com um grupo de crianças de 2 a 3 anos; a outra teve como objetivo discutir a motricidade livre como uma das condições fundamentais para os bebês desenvolverem autonomia na Creche, valendo-se, para tanto, das discussões do campo da Pedagogia da Infância, em diálogo com a abordagem pikleriana. Ainda que guardadas as diferenças de procedimentos, escopo e desenvolvimento, as duas pesquisas se mostram convergentes e produtivas ao dialogarem sobre duas dimensões fundamentais, considerando seus sujeitos (bebês e crianças bem pequenas): a dimensão do tempo no espaço institucional (e os efeitos e impactos desses entendimentos, em suas vivências individuais e coletivas, nos termos, por exemplo, de aprendizagens e respeito às especificidades desses sujeitos), bem como a dimensão do tempo especialmente aqui dos bebês, quanto a seu de-

envolvimento (e os efeitos e impactos desses entendimentos quanto à construção da autonomia e, o que lhe é indissociável, respeito a seu movimento livre, como movimento constitutivo da relação dos bebês com outros bebês, com os espaços, com os objetos etc.).

Trazer os textos em diálogo com e constituindo o que afirmo se organizar como um *éthos* investigativo, considerando o universo de pesquisas com (sobre/para) crianças, implica assumir que *Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na Educação Infantil* se produz, acima de tudo, como um chamamento à criação. A construção desse *éthos* não implica reprodução linear de procedimentos e estratégias, mas a construção autoral de práticas que respondam às singularidades de perguntas e problemáticas igualmente autorais, tal como exige a artesanania da prática de se fazer pesquisa. Como provoca a própria epígrafe que dá início a esta apresentação, por mais que *Percursos* seja organizado em torno da apresentação franca e aberta de práticas investigativas, é especialmente quando assumido por aquilo a que ele nos convoca quanto à criação de modos de fazer investigativos próprios, na direção de um *éthos* que não renuncia, mas antes encontra formas de, a cada vez, fortalecer aspectos éticos, dimensões narrativas (em suas múltiplas linguagens) e afirmar rigorosa e corajosamente escolhas, que ele amplia sua força. Nada, pois, a ser imediatamente reprisado, mas acima de tudo a ser tomado fagulha, como lampejo para a composição de algo único e irrepetível.

Fabiana de Amorim Marcello  
Setembro de 2022

## **Referências**

BORGES, J. L. A biblioteca de Babel. In: BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a. Pp. 69-79.

BORGES, J. L. O jardim de veredas que se bifurcam. In: BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b. Pp. 80-93.

BORGES, J. L. O livro de areia. In: BORGES, J. L. **O Livro de Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Pp. 104-109.

BORGES, J. L. As mil e uma noites. In: BORGES, J. L. **Borges Oral & Sete Noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Pp. 123-139.